

**JOHNNY,
VOCÊ ME
AMARIA
SE O MEU
FOSSE
MAIOR?**

**BRONTEZ
PURNELL**

**“BRONTEZ PURNELL É TUDO!!”
- REVISTA GRANTA**



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. TODA REPRODUÇÃO PROIBIDA.

JOHNNY, VOCÊ ME AMARIA SE O MEU FOSSE MAIOR?

**BRONTEZ
PURNELL**

Tradução

Regiane Winarski



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA E REPRODUÇÃO PROIBIDAS.

Copyright © Brontez Purnell, 2017

Publicado em inglês com o título *Johnny Would You Love me if my Dick Were Bigger*, em 2017, pela Feminist Press, Nova York.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Regiane Winarski, 2022

Todos os direitos reservados.

Preparação: Renan Vieira

Revisão: Bárbara Prince e Elisa Martins

Projeto gráfico: Beatriz Borges

Diagramação: Abreu's System

Capa: Daniel Justi

Ilustração de capa: Cláudio Caropreso

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Purnell, Brontez

Johnny, você me amaria se o meu fosse maior? / Brontez Purnell;
tradução de Regiane Winarski. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

176 p.

ISBN: 978-65-5535-730-1

Título original: Johnny Would You Love me if my Dick Were Bigger

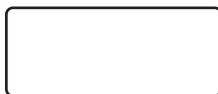
1. Ficção norte-americana 2. Homossexualidade I. Título II. Winarski,
Regiane

22-1633

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA E REPRODUÇÃO PROIBIDAS.

JOHNNY, VOCÊ ME AMARIA SE O MEU FOSSE MAIOR? E SEXO COM VICIADOS

Eu era um garçom americano entediado no trabalho. Vinha sofrendo de depressão aguda havia dois anos e meio. Acordei de um cochilo de duas horas e estava prestes a perder meu trem de meia-noite e cinco para a cidade. Eu nunca dormia, porque sabia que meu destino era ficar cansado. Acordei com a sensação de que Deus tinha me dado uma porrada. Passei hidratante no rosto e saí de casa sem bater punheta. Eu tinha trabalhado por tempo demais na lanchonete e estava sabendo de uns babados bem escandalosos.

Naquele filme *Milk: a voz da igualdade*, vi que São Francisco era composta de um bando de caras de barba

(ou bigode) e camisa de flanela. Todos iguais, um bando de clones. Eu odeio nostalgia. Não era uma falha na maneira como retrataram a cena cultural; essa merda ainda estava acontecendo. Diariamente. Todas as noites, antes de começar a trabalhar, eu acendo uma vela de oração, borribo sangue de bode no meu altar e repito minha cantiga: “Vou foder, matar e comer todas essas bichas debutantes do Castro”.

Durante toda a noite, elas tocam a mesma merda no jukebox, e depois de anos ouvindo sem parar eu finalmente me permito pensar: *Eu odeio The Smiths pra caralho*. Cada vez que escuto, só imagino o Morrissey sozinho em um quarto, chorando e batendo punheta ao mesmo tempo.

Às vezes não sei se tenho a sensação de não me encaixar porque é o que realmente acontece, ou se sou punk há tanto tempo que não sei me encaixar, ou se a verdade é uma combinação dessas duas coisas. Minha terapeuta me inferniza com isso. Ela diz coisas como: “É difícil ser um dos poucos viados pretos em um mar de garotos brancos?”; e: “É difícil ser pobre em uma cidade tão rica?”; e: “Acha que esses fatores afetam a escolha de com quem você sai ou quem vai querer sair com você?”. Sempre quero ignorar perguntas sobre raça e classe social, porque as verdadeiras respostas a essas perguntas nunca parecem funcionar a meu favor. Também sinto que, se puder ignorar, tudo vai (com sorte) desaparecer.

Essas verdadeiras respostas não são menos verdadeiras do que as que dou: que se eu não me encaixo *não é* porque sou negro; se eu não me encaixo *não é* porque sou

pobre; eu não me encaixo porque tenho uma puta vontade de matar e quero encontrar garotos que sintam o mesmo que eu; sei que eles estão por aí.

Não saio com ninguém, e todos os casais aparecem no sábado à noite. Odeio ver casais, porque eles fazem eu me sentir solitário. Não me sinto desanimado de um modo geral e já trepei com os namorados de gente demais pra questionar se sou desejável, mas minha criança interior sempre me faz sentir que algo injusto e conspiratório está rolando. Talvez seja pela forma como me visto. Quando estou a caminho da cozinha, indo buscar um hambúrguer, me olho no espelho de corpo inteiro e, depois de xingar os clones, estou pronto pra admitir algumas coisas sobre meu vitimismo de moda. Eu me visto como um aluno babaca de Berkeley de alguma década indecifrável no meio do século. Eu odeio nostalgia. Estou falando de óculos esquisitos, sapatos pretos sem marca, camiseta branca lisa e uma porra de uma calça cáqui. Quem usa calça cáqui, cacete? Eu basicamente me visto como no fundamental e agora estou pronto pra perdoar todo mundo que fez bullying comigo e encheu meu saco. Eu pareço um otário. Mas, se você se veste como nerd, num primeiro olhar as pessoas nunca desconfiam que você está desmoronando por dentro. Nem que quer matar alguém. Camuflagem. Camuflagem urbana. O maior problema de se vestir como uma criança dos anos 1960 (e ser negro) é que você pode dizer pra si mesmo: “Estou vestido no estilo americano clássico”; ou: “Sou modernista”; ou: “Eu me visto como aquele cara negro do Weezer”. O problema é

que o resto do mundo não tem tanta arte, e todos os turistas babacas do Leste Europeu/Austrália/Centro-Oeste/Matriz Clonada que poluem o restaurante só veem Urkel. O *filho da puta* do Steven Urkel. Sempre dói. Uma vadia me chamou de Urkel uma noite e eu quase chorei, mas então lembrei que estava no futuro e que poderia me safar se desse na cara de uma mulher branca. Mas não fiz isso. E se ela me estapeasse de volta? E aí? Sem tempo pra aguentar um empate.

Quinze babacas entram pela porta e tenho um ataque de pânico. Mais dez entram atrás e, como sempre acontece na minha vida, ignoro minhas necessidades emocionais em favor de um trabalho bem-feito. A galera sai e a merda bate no ventilador de verdade. Michael entra com Johnny. Eu e Johnny trepamos uma semana antes, e eu até disse que ele não precisava usar camisinha, pra ele gostar mais de mim. Tive coragem de perguntar por que ele não me ligou, e ele respondeu com a simplicidade de um papel em branco: “Porque o pau dele é maior”. Eu quis sentir raiva, mas sabia que não dava pra discutir com aquele argumento. Minha mãe tinha uma frase sobre se preocupar com coisas que não se pode mudar: “Seus braços são curtos demais para lutar boxe com Deus”. Aparentemente, meu pau também.

Que merda. Estou ficando chapado. Comprei uma cocaína vagabunda com o cozinheiro, saí às cinco da madrugada e fui direto para o estacionamento do Travelodge do Castro. Mas, espere! Isso não é pó ruim! É pó bom! Ou é speed? Eu nunca me senti assim. Suando, sem fôlego, o

pau duro como pedra, e solitário. Solitário pra caralho. Eu conheço esse cara com jeito de que experimentou todas as drogas que já foram oferecidas a ele. Ele me leva até um quarto do Lodge que está dividindo com outro cara, e aquela merda parece que foi atingida por um furacão. Com coisas horríveis pra todo lado, parecendo que uma cobra poderia me picar se eu entrasse. Ele diz que não precisamos ficar e que mora em Fillmore. No caminho até o apartamento dele eu descubro que:

1. Ele é baterista.
2. Ele gosta de jazz. Gosta *muito* de jazz.
3. Ele toca bateria em uma banda de jazz em Berkeley.

e

4. Ele gosta de drogas injetáveis.

Antes de entrarmos no apartamento, ele diz casualmente: “Preciso de um pico antes de a gente trepar”. No começo, fico parado por pudor, mas depois lembro que posso fazer o que quiser. Está tarde demais pra tentar trepar com outra pessoa; o navio já zarpou. Ele bota um disco de jazz e enfia a seringa em um copo de água e diz: “Não beba deste copo”, e mesmo com o conhecimento muito limitado que tenho do “estilo de vida” dele, eu me lembro do balão de pensamento acima da minha cabeça que dizia: “DÃ, VIADO”.

Começamos a trepar e, como o animal que sou, fui direto *pra dentro*. Fiquei falando: “Vai, toma essa piroquinha toda, seu drogado do caralho. Você não tem futuro e eu também não!” (o tempo todo rindo na minha mente como uma garotinha), quando de repente ele disse: “Minha colega mora no final do corredor. Ela é gordinha. A gente pode comer ela também”. *Ecaaaaaaaaaa!!!!!! Ele disse mesmo essa porra???* Mas não sobra energia pra se escandalizar quando você está comendo sem camisinha um drogado que acabou de conhecer. Porra. Paciência. Ou não. Aquele cara era claramente um babaca. O sol tinha nascido e ele me disse que gostava de como eu me vestia e que nós deveríamos namorar. Fiz uma avaliação mental da cena à minha volta. Eu estava em Fillmore com meu namorado drogado baterista de jazz, trepando ao som de discos de jazz, vestido como um aluno babaca de Berkeley dos anos 1950. Cara, que se foda. Essa merda é beatnik e *eu odeio* nostalgia. Saí correndo do apartamento, completamente nu.

EPÍLOGO

Três dias depois que Johnny me disse que amava mais o Michael (porque o pau dele era maior), eu comecei a ficar afetado. Primeiro, comecei a comer sem parar, depois comecei a me cortar, mas assumi o controle. Fiz yoga, lavei a bunda, passei hidratante, vesti uma cueca preta transparente Calvin Klein, uma calça jeans skinny preta Levi's,

um casaco Adidas preto monocromático, luvas pretas, tinta preta de futebol americano no rosto (igual à Left Eye do TLC – descanse em paz) e um gorro preto. Uma corrente de ouro e um brinco de diamante. Borrifei um pouco de Obsession, da Calvin Klein. Eu parecia um ladrão de casas ou um integrante do Black Bloc. Era hora da justiça. Peguei uma bolsa preta e botei dentro uma corda preta com um gancho numa ponta e um tijolo com um bilhete amarrado. Cheirei ecstasy (que sobrou da noite anterior) para me acalmar e pulei na bicicleta para ir até o apartamento do Johnny. Botei a tranca na bicicleta e subi pela escada lateral até o telhado do prédio de quatro andares, de onde peguei o gancho e desci de rapel pela lateral até estar no chão, olhando para o apartamento dele, no segundo andar. (Eu poderia ter só andado até o outro lado do prédio pela calçada, mas estava viciado no drama de usar o gancho e a corda.) Fiz uma oração para Ogum (o deus africano da guerra) e, com mira precisa e destreza, joguei o tijolo pela janela do Johnny, morrendo de rir enquanto voltava correndo até a bicicleta. Imaginei a cara do Johnny quando pegasse o bilhete no tijolo e visse a mensagem (escrita com giz de cera): “JOHNNY, VOCÊ ME AMARIA SE O MEU PAU FOSSE MAIOR?”.

(Dois meses depois, Johnny me perdoou e jogou um tijolo pela minha janela com um bilhete preso, que dizia: “SIM”).